

Um Centenário:

Pierre Teilhard de Chardin (1881-1981)

O ano de 1981 está sendo assinalado por efemérides comemorativas de grande significação no campo cultural. O segundo centenário da primeira edição da "Crítica da Razão Pura" (1781) é evocado nesse mesmo número da nossa Revista com um artigo de Xavier Herrero sobre a filosofia da História de Kant. É nossa intenção lembrar, em outro número, os cento e cinquenta anos da morte de G.W.F. Hegel (1831). A 1 de Maio de 1881 nascia no solar de Sarcenat, perto de Clermont-Ferrand (Auvergne) na França, Pierre Teilhard de Chardin. A história da vida e da obra daquele que se tornaria um dos clássicos do pensamento cristão no século XX, segue um caminho singular. Teilhard de Chardin faleceu em 1955. Até então, fora de um círculo limitado de amigos, muito pouco se sabia sobre as suas idéias, pois a publicação de sua obra (com exceção dos trabalhos estritamente científicos) fôra dificultada por toda a sorte de medidas proibitivas e restritivas por parte das autoridades da Companhia de Jesus, ordem religiosa à qual se filiara ainda adolescente. Mas, o homem Teilhard de

Chardin já era mundialmente conhecido como paleontólogo e como pensador religioso. Admirado por uns, severamente criticado por outros. Sua personalidade audaz e inquieta tornara-se um símbolo vivo da Igreja peregrinante e interrogante nos difíceis caminhos por onde avançava a humanidade nesse último século do segundo milênio cristão. Logo após a sua morte a imensa obra escrita de Teilhard começa a ser editada em cadência bastante rápida, sob o patrocínio de um comitê editorial que reunia nomes famosos do mundo religioso, científico, literário e político. O que se seguiu foi um fenômeno raro no campo da edição científico-religiosa. Em pouco tempo os escritos de Teilhard de Chardin ganharam uma prodigiosa difusão, traduzidos nas mais diversas línguas, penetrando fronteiras culturais e políticas julgadas intransponíveis para esse tipo de literatura. A discussão em torno do seu pensamento tornava-se uma discussão mundial que ocupava desde as páginas dos jornais até eruditas teses universitárias. Nenhum jesuíta, com exceção talvez de Santo Inácio de Loiola, fôra jamais objeto de tantos livros, opúsculos, artigos e suscitara tanta polêmica. A crista da onda teilhardiana atingiu seu ponto mais alto nos fins dos anos 60 acompanhando, na Igreja, o otimismo dos anos pós-conciliares. Depois refluíu e cedeu lugar às novas correntes de suspeita e crítica que arrastavam o pensamento cristão na esteira das grandes crises dos anos 70.

Ao termo da década atormentada que acaba de findar, a leitura cristã da história parece buscar sua inspiração em fontes bem diversas daquelas que alimentavam as grandes visões teilhardianas. Ela se volta para as tradições orais, para o "ethos" que rege as práticas de socialidade espontânea, para a cultura popular, para a resistência às racionalidades científico-técnicas, para a nostalgia do mundo pre-técnico na trilha de uma tendência crescente dos movimentos ecológicos. Nesse primeiro centenário do seu nascimento e no terreno dessa nova sensibilidade da consciência cristã, Teilhard de Chardin poderá esperar ainda algum eco para a sua mensagem que há tão pouco tempo parecia rasgar um imenso horizonte e levantar o clamor de uma grande esperança?

Em primeiro lugar é preciso reconhecer que o teilhardismo, vulgarizado como moda intelectual dentro e fora da Igreja, pertence ao passado. A obra de Teilhard de Chardin despiu-se da atualidade fugidia da moda e tudo indica que começa a ganhar os contornos da atualida-

de definitiva e serena dos clássicos que permanecem. A edição das Obras completas de Teilhard bem como da sua vastíssima correspondência está quase concluída. A obra científica, em onze volumes, foi editada em 1971, na Alemanha, por Schmitz-Moorman. Desta sorte é possível proceder de agora em diante a uma exploração rigorosa e profunda do imenso universo teilhardiano. Em várias partes do mundo constituíram-se Centros de Documentação tendo como finalidade o estudo da obra de Teilhard e a investigação dos grandes temas científicos, filosóficos e religiosos nela presentes. A "Fondation Teilhard de Chardin", presidida por Jeanne Mortier, legatária dos escritos de Teilhard, mantém em Paris o mais importante destes Centros. No Brasil, contamos com o "Centro de Documentação Teilhard" (C. P. 9112 São Paulo, SP), fundado e dirigido pelo eminente teilhardólogo D. Romano Rezek O.S.B. Diversos desses Centros editam publicações periódicas, como os de Paris, Bruxelas, Londres, Munique. A obra de Teilhard tem, assim, seu lugar assegurado nesse campo da reflexão e da pesquisa, onde se situava para ele uma das pontas avançadas da evolução humana. É também aí que se desenrolam as comemorações mais importantes do centenário teilhardiano, longe das luzes de uma duvidosa publicidade. Em Paris, reuniões científicas consagradas ao estudo do pensamento de Teilhard tiveram lugar nos meses de Abril e Maio no Institut Catholique, no Centre Sèvres e no Musée d'Histoire Naturelle. Na Georgetown University, de Washington, um simpósio sobre a unidade do conhecimento em homenagem a Teilhard reuniu, em Abril, notáveis cientistas e pensadores, entre outros Richard Leakey, antropólogo e filho do famoso paleontólogo sul-africano Louis Leakey, com o qual Teilhard colaborou, e Ilya Prigogine, Prêmio Nobel de Química. A propósito dessas comemorações convém assinalar a sensível mudança de atitude da autoridade eclesiástica com relação a Teilhard. Já no Concílio Vaticano II seu nome fôra citado com calorosa simpatia, entre outros por Dom Helder Câmara. Logo após a sua posse, em 1965, o novo Geral da Companhia de Jesus, Pe. Pedro Arrupe, referia-se a Teilhard em termos que consagravam o reconhecimento oficial, pela Companhia, da personalidade e da obra do seu grande filho. Finalmente, nesse ano centenário, é o Cardeal Casaroli, Secretário de Estado que, em nome do Papa João Paulo II, saúda os participantes dos eventos comemorativos parisienses em carta que reproduzimos nesse mesmo número de SÍNTESE.

No terreno do pensamento científico as grandes intuições teilhardianas voltariam a encontrar uma receptividade que parecia gravemente comprometida? Teilhard estaria saindo do limbo ao qual, segundo Claude Cuénot, o relegaram os mestres do pessimismo e da suspeita

que dominaram os anos 70? Talvez seja cedo para afirmá-lo. Em todo o caso, as filosofias da vida inspiradas sobretudo na Biologia molecular que, em radical contraposição a Teilhard, acentuavam o caráter aleatório o marginal do fenômeno humano e haviam encontrado sua expressão mais brilhante na obra de Jacques Monod, parecem declinar. Em seu lugar, uma nova concepção reencontra a perspectiva da complexidade e a inventividade da natureza que se aproxima da visão teilhardiana. Na obra de Ilya Prigogine, o ilustre físico de Bruxelas e Austin, intitulada significativamente "La Nouvelle Alliance: métamorphose de la science" (Paris, Gallimard, 1979) o fim da antiga aliança animista do homem com a natureza, anunciada por Jacques Monod, não é considerada a palavra final da ciência, que consagraria o decentramento e o isolamento do homem no universo. É apenas o resultado teórico de três séculos da "ciência clássica". Ela começa a dar lugar a uma nova concepção que postula o estabelecimento de nova aliança do homem com a natureza da qual ele procede e que ele descreve, interpreta e significa no saber científico. (Ver I. Prigogine e I. Stengers, op. cit., p.11 e p.264-296). Estamos mais perto, aqui, do universo teilhardiano.

Mas, é no pensamento religioso que a interrogação sobre a atualidade da obra de Teilhard de Chardin, nesse primeiro centenário de nascimento do seu autor, pode ser respondida com tranquila certeza. Hoje, já quase concluída a sua publicação, essa obra se eleva diante de nós em toda a sua grandeza. Podemos afirmar com o mais autorizado exegeta de Teilhard, seu amigo e confidente, o grande teólogo Henri de Lubac, que se trata de um ramo autêntico-o mais vigoroso, talvez, no século XX — da grande árvore da tradição do pensamento cristão. É das raízes dessa tradição que a reflexão de Teilhard recebe a sua seiva mais íntima através da rica experiência eclesial que ele viveu, seja na Companhia de Jesus cuja tradição espiritual assimilou profundamente, seja nos caminhos do mundo que percorreu como missionário de um novo tipo e de um novo tempo. É justamente sobre o fundamento de uma essencial fidelidade à tradição que a contribuição de Teilhard de Chardin ao pensamento cristão pode ser contemplada na sua inconfundível originalidade. Com a teologia do Meio divino ele traz novo vigor à mística cristã, libertando-a de toda suspeita de evasão idealista e traçando os caminhos e os critérios de uma autêntica experiência de Deus na sua Criação. Oferece igualmente os princípios de uma ascese e de uma ética cristãs da ação, cuja fecundidade tem sido comprovada no confronto teórico e prático com as grandes interrogações morais do nosso tempo. A contribuição de Teilhard de Chardin à teologia especulativa ou à teoria cristã pode ser medida pe-

los campos em que ele renova categorias, problemas e perspectivas: teologia da criação, Cristologia, antropologia teológica, teologia da história. Num tempo de imediatismo pragmatista, Teilhard de Chardin convida a reflexão teológica a se alçar à altura da audácia especulativa que caracterizou a grande tradição da "fides quaerens intellectum", de Orígenes a Santo Tomás de Aquino.

Em suma, não devemos esperar das comemorações teilhardianas desse ano centenário o renascer de uma popularidade que, como toda moda, passou. Podemos e devemos esperar muito mais: primeiro o reencontro entre Teilhard e as grandes tendências do pensamento científico contemporâneo. Depois, o reconhecimento definitivo, na Igreja, da sua extraordinária figura de pensador cristão e de testemunha do Evangelho. Enfim, podemos e devemos esperar que a mensagem de Teilhard volte a ser um sinal e um apelo para todos aqueles homens cuja fé em Deus os impele a buscar com ardor a diafanía de Deus no mundo: a manifestação do Meio divino.